

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

AVALIAÇÕES DA PRÁTICA EDUCATIVA NA DISCIPLINA DE QUÍMICA: REFLEXÕES A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES DO ESTÁGIO

Resumo

Este artigo discute a “Avaliação da aprendizagem escolar”. Os dados da pesquisa foram coletados através de observações feitas em uma escola pública de Ensino Médio, campo de estágio, no segundo semestre de 2014. A investigação se inseriu no contexto da disciplina de Estágio Supervisionado de Observação II, realizada na 6ª fase do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza-Habilitação Química, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Campus São José. Além de compreender como os alunos eram avaliados no ensino de Química, busquei analisar como percebiam as práticas avaliativas. Os dados dessa pesquisa foram obtidos a partir dos registros das observações das aulas e da aplicação com os alunos de um questionário de questões abertas e fechadas, com intuito de verificar como a avaliação da aprendizagem interfere no processo escolar, analisando também o que os alunos pensavam a respeito deste processo. Além disso, realizei uma entrevista com a professora de Química, com o objetivo de analisar a concepção dela sobre a própria prática de avaliação, sua importância, e como ela vê os alunos durante este processo, e fiz a análise documental do plano de aula. A sustentação teórica foi embasada no referencial de avaliação que defende a modalidade formativa, Scocuglia (2014), Carneiro (2012), Paro (2002, 2010), Moretto (2003, 2005), Hoffmann (1998), Luckesi (1984, 2005) e Freire (1987). Os principais resultados apontam que a avaliação ainda é vista como um grande desafio para os alunos e professores, que se deparam constantemente com a dificuldade de transformá-la num processo que não seja apenas mecânico e sem significado para o aprimoramento da aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem Escolar; Sujeitos da Aprendizagem; Ensino de Química.

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

Introdução

No segundo semestre de 2014, na 6^a fase do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza-Habilitação Química, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) – Campus São José, a disciplina de Estágio de Observação II teve como orientação metodológica o ensino por pesquisa orientado pelos pressupostos de Pimenta e Lima (2004). O componente prática do Estágio compreendia a observação de cinco aulas do ensino de Química do Ensino Médio.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender o processo de avaliação realizado pela professora regente da turma observada e seus reflexos sobre a aprendizagem dos alunos.

Meu interesse pela docência iniciou ainda na infância, quando nas brincadeiras já manifestava vontade de ensinar. Porém, um aspecto didático que sempre me intrigou foi a avaliação: *Como avaliar de forma justa a aprendizagem dos alunos? Que processos e métodos são exigidos do educador?*

Essas questões tornaram-se cada vez mais fundamentais para mim, principalmente após meu ingresso no curso de Licenciatura, onde passei, gradativamente, a compreender e considerar o aluno como sujeito que constrói a aprendizagem de forma dialogada com o professor; que tem sua identidade constituída dialeticamente através da interação, com ideias e vivências que formam e são formadas nas aulas. Dessa perspectiva, surgiram mais indagações: *Qual é a percepção da*

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

professora de Química sobre a avaliação da aprendizagem? E quais são as percepções dos próprios alunos sobre essas avaliações? Com base na concepção de sujeito trazida acima, considero fundamental que a avaliação seja feita de forma processual, sem atribuir ao aluno apenas uma “nota” no final do período letivo.

Seguindo essa perspectiva sobre a avaliação escolar, iniciei o Estágio de Observação II, onde tive a oportunidade de acompanhar uma aula que teve a aplicação de uma prova. Assim, indaguei-me ainda mais sobre a questão da avaliação, pois queria saber como os alunos se sentiam com relação aos tipos de instrumentos avaliativos utilizados pela professora.

Visando buscar respostas às minhas inquietações, além das observações em sala de aula, apliquei um questionário com os alunos da turma, uma entrevista com a professora e a análise documental do plano de aula. O questionário foi aplicado no último dia de estágio, anteriormente foram feitas análises e reflexões teóricas com base em Scocuglia (2014), Carneiro (2012), Paro (2002, 2010), Moretto (2003, 2005), Hoffmann (1998), Luckesi (1984 e 2005) e Freire (1987), que contribuíram para a compreensão do processo avaliativo e do aprendizado escolar. As respostas foram analisadas e discutidas com base na fundamentação, possibilitando uma reflexão crítica sobre as práticas educativas vivenciadas no estágio curricular obrigatório.

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

Quem são os sujeitos da aprendizagem?

Para estudar as avaliações, não podemos deixar de indagar quem são os sujeitos que participam do processo de aprendizagem, que constituem e são constituídos por várias práticas educativas que também envolvem as avaliações. O processo de construção da aprendizagem abrange a problematização, o estímulo à pesquisa, e demanda que professores e alunos assumam o papel de curiosos.

Freire (1987) aponta que é preciso estimular a curiosidade dos alunos. Assim, a aprendizagem não é neutra. Em uma entrevista concedida à professora Nilcéa Pelandrê, republicada na revista EJA em Debate, Freire afirma: “Como posso ser neutro se participo como sujeito que opta por uma prática que me leva a um sonho?” (PELANDRÊ, 2004, p. 15). Ou seja, é necessário que tanto os educandos quanto os professores sejam sujeitos ativos da aprendizagem e que sejam capazes de criar conceitos críticos sobre diversos assuntos.

O educando é sujeito da prática educativa, é um sujeito histórico e social que se pronuncia diante da realidade, cria valores, objetivos e desenvolve uma ação para alcançá-los. Nessa perspectiva, é fundamental ter uma relação dialógica no processo de ensino e aprendizagem para a construção do conhecimento, pois ele ocorre na interação onde as duas partes – educador e educando – aprendem e são ensinados. De igual forma, respeitando e valorizando o conhecimento do aluno, estimulando-o e desafiando-o nas questões de problematização, assim motivando ideias reflexivas e críticas. Com isso, formam-se

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

sujeitos que levam em consideração a condição social e histórica, podendo questioná-la e efetivamente exercer a cidadania.

O processo de conhecimento inerente à pedagogia da pesquisa, [...] não pertence exclusivamente aos dirigentes escolares e aos professores, mas principalmente devem *pertencer aos educandos*, pois estes devem ser chamados a construí-lo e a problematizá-lo, não, simplesmente, a aplicá-lo ou a consumi-lo (SCOCUGLIA, 2014, p. 37, grifos do autor).

A escola deve ser construída, portanto, a partir do cotidiano e de elementos da cultura como valores, crenças, emoções, visão de mundo, ciência e filosofia, ou seja, tudo aquilo que compõem a cultura historicamente, e fazem parte dos seus autores e atores. Para obter uma verdadeira aprendizagem, aquela que transforma o sujeito, é preciso torná-los questionadores e autônomos.

O sujeito nasce com direito a herança cultural e tudo que complementa esta formação é um preparo para a cidadania. Segundo Paro (2010, p.772) “querer aprender não é uma qualidade inata, mas um valor construído historicamente”, a educação tem que ser intrinsecamente desejada, cabendo ao professor cativar o aluno, torná-lo cúmplice desse processo. A educação só se realiza com a concordância do educando, como um ser de vontade.

Assim, o processo de aprendizado deve considerar o educando como sujeito que desenvolve sua identidade através da cultura, com uma relação de aceitação mútua, dialógica para melhor convivência democrática. O educando é sujeito do seu aprendizado. Para Freire (1987), o educador educa e é educado, através do diálogo com o

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

educando, assim ambos participam do processo de conhecimento e ambos aprendem. Pode-se dizer que a aprendizagem significativa permite que o aluno faça parte da sua cultura.

É preciso instaurar um ensino fundado na aceitação mútua, em que o educando desempenha seu papel de educar-se como verdadeiro sujeito político, exercitando, na forma e no conteúdo, a relação pedagógica (democrática) imprescindível para a construção de uma sociedade que não seja fundada na dominação (PARO, 2002, p .19).

A concepção do professor sobre quem são seus alunos também se reflete diretamente nas formas de avaliação que ele utilizará em sala de aula, é importante que o educador leve em consideração as condições em que o educando se faz sujeito. Educar vai além de explicar um conteúdo, envolve uma relação entre sujeitos que estão empenhados na construção de identidades que constituem e são constituídas pelas esferas sociais, dentre elas a escolar, que tem a função legitimada de ensinar os conhecimentos sistematizados que formam a cultura. Segundo Silva (2009), a identidade precisa ser produzida por meio de relações sociais e culturais. Não é um “elemento” da natureza e sim de criação linguística, social, plural. Constituem-se por ações de linguagem, onde também são instituídas as diferenças, que são interdependentes da identidade e compõem os sujeitos.

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

Avaliação da aprendizagem escolar

Com base nas reflexões sobre os sujeitos da aprendizagem, sobre as questões que interferem na formação desses sujeitos e como o aprendizado é construído historicamente, parto para discussão sobre as práticas de avaliação que permeiam esse processo e que também são fundamentais para a construção dos sujeitos.

Segundo Moretto (2003), a avaliação da aprendizagem escolar é um momento privilegiado de estudo, porque se julga que diante de tudo o que a tradição vem associando à prova, o aluno coloca suas energias em busca do sucesso, normalmente associado a uma boa nota. Dessa forma, a avaliação deve ser vista como parte integrante do ensino e não como um momento de acerto de contas entre professores e alunos, expressas numa relação de poder.

Assim, considero a avaliação escolar uma construção de conhecimentos, associada não apenas ao resultado final desse processo, mas sim ao seu desenvolvimento processual.

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que encontra-se e possa avançar em termos de conhecimentos necessários. Desse modo a avaliação não seria tão somente um instrumento reprovação ou reprovação dos alunos tendo a definição de encaminhamento adequado a sua aprendizagem (LUCKESI, 2005, p. 81).

Luckesi (2005) afirma que a avaliação fornece suporte ao educando no processo de assimilação do conteúdo e na constituição de

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

si mesmo como sujeito existencial e cidadão. Assim, o papel da escola é construir, pela educação, sujeitos humano-históricos, levando em consideração o processo de produção pedagógica. A escola é um espaço propício para formação da cidadania, onde o aluno se apropria de parte da cultura. Dependendo da função da avaliação da aprendizagem escolar, ela pode ser inclusiva ou excludente.

Paro (2010, p. 771), sobre o papel da escola, afirma:

Os homens nascem igualmente com o direito universal de acesso à herança cultural produzida historicamente, então a educação- meio de formá-lo como humano- histórico não pode se restringir aos conhecimentos e informações, mas precisa, em igual medida, abarcar os valores, as técnicas, a ciência, crenças.

Dessa forma, o aluno tem a formação do conhecimento que ele já leva para a escola juntamente com informações que compõem a cultura produzida historicamente, como a filosofia e a arte. O educando poderá, assim, se posicionar diante das questões da sociedade com um olhar mais crítico.

Paulo Freire, segundo Scocuglia (2014), defende a pedagogia da pergunta ou da problematização, que é caracterizada pelo diálogo, diferentemente da “educação bancária”, ou seja, uma educação onde o conhecimento é “depositado” no aluno. Para Freire,

[...] se o educador é o que sabe, se os educandos são o que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de ‘experiência feito’ para ser de experiência narrada ou transmitida’ (FREIRE, 2005, apud, CARNEIRO, 2012, p.05).

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

A educação pela pesquisa faz com que os alunos reflitam sobre a própria pergunta, além propiciar a eles uma sensação de “autonomia”, pois são eles que estão à frente do problema a ser pesquisado. É um processo de construção contínuo.

Esse método parte do cotidiano, da cultura e busca o conhecimento elaborado, crítico e científico.

O processo de construção do conhecimento, que tem na pesquisa seu caminho fundamental, seria mediado por ações dialógicas e sua construção não deveria ser uma doação dos supostos detentores exclusivos do saber elaborado/escolar, mas sim um instrumento da ação de todos os atores/autores que precisam exercer o direito de escolher, optar, de refletir, de opinar e de ajudar a construí-lo (SCOCUGLIA, 2014, p. 37).

Moretto (2003) argumenta que os professores ainda fazem provas que estão ligadas apenas a questões de memorização; assim, a avaliação não se torna uma aprendizagem significativa para eles, que deveriam exercitar suas habilidades de raciocínio e reflexão. O aluno se preocupa em apenas decorar as questões para prova, reforçando um estigma de avaliação mecânica, excludente e sem sentido para além das práticas escolares.

Acabamos concluindo que a “cola” é uma das consequências do processo de ensino inspirado na visão tradicional da relação professor, aluno e conhecimento, em que ela era o momento destinado a verificar se o que havia sido transmitido lá estava, gravado “de cor”. Por isso era proibida qualquer consulta na hora da avaliação. Ao aluno cabia o ônus de “provar” que sabia (entenda-se havia memorizado) os dados e informações transmitidos pelo professor (MORETTO, 2003, p.101).

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

As avaliações da aprendizagem escolar na disciplina de Química ainda são, em sua maioria, de modelo tradicional, ou seja, característicos de uma “educação bancária”.

Muitas vezes as avaliações, nessa perspectiva denominada por Luckesi (1984) de *exame*, são utilizadas para ameaçar os alunos, como veredito e poder. Conforme aponta Luckesi (1984, p. 12): “De instrumento diagnóstico para o crescimento, a avaliação passa a ser um instrumento que ameaça e disciplina os alunos pelo medo [...]”.

Luckesi (1984) defende que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento de diagnóstico para o crescimento. Para o autor, a avaliação só será transformadora na medida em que as aspirações socializantes da humanidade se traduzam em um modelo pedagógico emancipador e democrático.

Existem muitos instrumentos de avaliação que o professor pode utilizar, como provas, questionários teóricos ou práticos, relatórios. Sabe-se que muitas avaliações ainda seguem o modelo “tradicional” e podem ser utilizadas para classificar os alunos, criando um ambiente hostil de individualismo e competição.

Outra questão, é que a avaliação da aprendizagem ainda é uma dificuldade para os professores. Segundo Luckesi (2005), o ato de examinar, que se distingue do avaliar, possui três características: é pontual, classificatório e seletivo.

Através do Estágio de Observação, busquei compreender essas diferentes perspectivas e possibilidades distintas de avaliação ao

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

observar como essas práticas efetivamente ocorrem no espaço educativo.

O processo de desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa se deu de maneira qualitativa: busquei explorar o que os alunos pensavam sobre o tema “avaliação da aprendizagem escolar” e seus reflexos em seu próprio aprendizado, através de um questionário com questões abertas e fechadas. Isso me proporcionou um olhar mais detalhado sobre como se sentem quando são avaliados e suas percepções sobre as próprias avaliações em geral, constando também que tipo de avaliação preferem e quais métodos avaliativos, na opinião deles, instigam mais o aprendizado. Através do questionário, os alunos puderam expressar o que sentem, o que percebem e o que acham quando são avaliados e sobre avaliação. Além do questionário, as minhas observações relatadas no Diário de Campo, também contribuíram para analisar os dados obtidos junto com a fundamentação.

Realizei uma entrevista com uma determinada professora, com as questões enviadas por e-mail¹ e ela assinando o Termo de Livre Consentimento esclarecido, autorizando a divulgação dos dados da pesquisa. Na entrevista, busquei entender os tipos de avaliações aplicadas na turma e de que maneira esse processo interfere nas aulas,

¹ A entrevista foi realizada dessa forma por solicitação da docente.

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

além de conhecer a percepção dela sobre avaliação e sua importância; o olhar dela sobre a reação dos alunos quando estão sendo avaliados; as dificuldades encontradas durante a trajetória das avaliações. Fiz também a análise documental do plano de aula. Com base nesses instrumentos de pesquisa, procurei identificar a importância da avaliação realizada na disciplina além de conhecer o seu olhar para tais questões.

Analisando os dados da pesquisa

De acordo com as observações das aulas e com a consulta ao plano de aula da professora, pude perceber que ela procurava diversificar as formas de avaliar, utilizando vários instrumentos em diferentes momentos. No plano de ensino constavam os conteúdos que foram trabalhados, os objetivos, as características da disciplina, as metodologias e as avaliações. Quanto aos tipos de avaliação de aprendizagem, o plano de ensino analisado incluía os seguintes instrumentos/atividades: duas provas, um relatório de aula prática, um seminário, exercício em grupo e participação em aula (considerando disciplina, pontualidade e envolvimento nas atividades). Esses dados já sugerem que a avaliação da prática observada não estava centrada num único instrumento ou tipo de atividade. Infere-se, portanto, que esta procurava romper com características excludentes de avaliação, conforme apontada por Luckesi (2005) como pontual, classificatória e seletiva, muito comuns às práticas do ensino de Química.

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

Os conteúdos ministrados em sala aparecem nas diversas formas de avaliar adotadas pela docente. Como pode observar em algumas respostas dos alunos: “Tudo que a professora passa em aula é abordado nas avaliações, além de que ela fornece uma lista de exercícios que nos ajuda a conhecer o ‘estilo’ da prova” (Quest. Alunos - 29/10/2014).

Com a aplicação do questionário entre os alunos, também pude perceber que existem diferentes posições com relação à avaliação da aprendizagem e “preferências” por diferentes tipos de avaliações. É o que relata o aluno sobre os seminários: “É preciso aprender a dominar o conteúdo para apresentar, não apenas decorar como em provas” (Quest. Alunos - 29/10/2014).

A questão das diferentes perspectivas em relação à avaliação e às metodologias de ensino, ou mesmo à sua importância para a formação plena do estudante como um cidadão crítico é refletida também em como os alunos são avaliados. Um estudante respondeu: “Nenhum método de avaliação me instigou o aprendizado e sim o método utilizado na explicação teórica” (Quest. Alunos - 29/10/2014).

A escola tem o papel de construir sujeitos humano-históricos e que no processo de educação o aluno possa compreender o conteúdo, levando em consideração a produção pedagógica processual, como afirma Luckesi (2005).

Nas aulas, a professora buscou dialogar com os alunos e fazer relações sobre os conteúdos, com desenhos e exemplos. Em uma das aulas, ela levou alguns metais e antes de começar a exposição do conteúdo pediu para os alunos pegarem na mão, observarem a textura,

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

o formato, o peso. Depois das discussões dos alunos, a professora pediu para que falassem que tipos de metais eles achavam que eram. Em seguida, foram apresentados conceitos e explicações.

Acredito que esse momento da aula ajudou os alunos a se familiarizarem mais com o conteúdo, possibilitando aguçar suas curiosidades, pois a matéria foi relacionada com seus conhecimentos prévios. Um aluno diz sobre o aspecto das avaliações que mais teve significado para ele: “O que mais me marcou foi o método utilizado durante as explicações do conteúdo. Domínio de conteúdo, por parte da professora e gosto do assunto” (Quest. Alunos - 29/10/2014).

Com base em todos os dados sobre as práticas avaliativas vivenciadas na turma observada, pude perceber que elas ocorreram de forma consensual entre a professora e os estudantes, que se constituíam e eram constituídos nessas relações.

Os alunos buscam avaliações diferenciadas; assim, a professora utilizou instrumentos avaliativos que proporcionavam um diálogo com eles, uma interação. Scocuglia (2014) defende a ideia de fazer com que os estudantes participem da construção do conhecimento como sujeitos ativos; essa participação foi observada nas aulas. O educando é o sujeito da prática educativa que se manifesta diante dos acontecimentos que estão presentes ao seu redor; com isso, desenvolve suas ideias juntamente com a escola, não podendo ser desconsiderado do processo de construção desta prática.

Nas aulas, a professora buscou saber quem eram os alunos. A curiosidade dos estudantes era estimulada. Eles conseguiam articular o

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

conhecimento com outros conteúdos que já tinham sido cobertos. Considera-se que conhecendo os sujeitos da aprendizagem o papel da avaliação se torna um instrumento diagnóstico que visa o crescimento (LUCKESI,1984).

Através da entrevista, dos questionários e das observações, percebi que os alunos da turma investigada optavam por ter diferentes instrumentos de avaliação e preferiam os que conseguiam fazer com que realmente compreendessem o conteúdo. Paro (2002) defende que é muito importante que o aluno desempenhe seu papel como sujeito político e que tenha opiniões para que a sociedade não seja construída na dominação.

Diante dos dados já apontados, cabe realçar que no conjunto de aspectos metodológicos a professora também incluiu em seu plano de ensino a pesquisa orientada. Esse caminhar metodológico se verificou na participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento. Tendo em vista o que foi analisado, considero que buscar o que os alunos já sabem sobre o conteúdo, estimular a curiosidade e conhecer quem são os estudantes é fundamental para uma formação recíproca entre o aluno e o professor.

Considerações finais

A avaliação ainda é vista como um grande problema para os alunos e professores. Moretto (2008), afirma que a avaliação da aprendizagem é angustiante para muitos professores, por não saberem

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

como transformá-la num processo que não seja mera cobrança de conteúdos memorizados de forma mecânica e sem significado para o aluno.

A escola deve oferecer uma formação cidadã e as avaliações de aprendizagem escolar são indissociáveis do processo de ensino e fundamentais para proporcionar ao aluno uma visão mais crítica sobre diversos assuntos, para fazer com que este reflita sobre sua conduta na sociedade; assim, possibilitando uma aprendizagem formativa.

Os dados da investigação relatada neste artigo corroboram a perspectiva de Hoffmann (1998), a qual acredita na proposta de construção do ensino, onde há confiança na possibilidade de o aluno construir suas próprias verdades e valorização de suas manifestações e interesses.

Assim como os autores citados, acredito que a educação é um instrumento fundamental para uma sociedade mais justa e com uma prática democrática que considere os alunos sujeitos do conhecimento. Pode-se construir formas de avaliação que considerem os conhecimentos adquiridos de seus estudantes, ampliem esses conhecimentos e possibilitem a apropriação da cultura, visando a emancipação e rompendo com a hierarquização do ensino. Essa concepção sobre avaliação pode mudar as perspectivas e sentidos atribuídos aos diferentes conceitos e disciplinas escolares, dentre elas a Química, foco de investigação da pesquisa realizada.

O Estágio de Observação II proporcionou-me olhar a avaliação da aprendizagem com mais detalhes. Já que considero o aluno como

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

sujeito, através das observações e da fundamentação teórica, consegui enxergar formas de conhecer o aluno e avaliá-lo processualmente, com estratégias pedagógicas diferenciadas sem atribuir apenas uma nota no final do período letivo. Considero muito importante a formação plena do aluno, para que ele possa realmente fazer a diferença na sua casa, no seu bairro, na escola, formando opiniões sobre diversos assuntos e construindo um repertório amplo de conhecimentos a partir dos conteúdos escolares.

Resumen

Este artículo habla la "Evaluación del aprendizaje de la escuela." Los datos de la investigación fueron coleccionados a través de las observaciones hechas en una escuela pública de la enseñanza mediana, campo de aprendizaje, en el segundo semestre de 2014. La investigación se sucedió en el contexto de la disciplina de Prácticas Supervisadas de Observación II, celebrada en el sexto semestre, del curso superior Licenciado en Ciencias de la Naturaleza, habilitación en Química, del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Santa Catarina - Campus San José. Además de entender cómo los estudiantes fueron evaluados en la enseñanza de Química, también trató de examinar las prácticas evaluativas percibidas. Los datos de esta investigación se obtuvieron de los registros de las observaciones de clases y la aplicación con los alumnos un cuestionario de preguntas abiertas y cerradas, con el fin de comprobar cómo la evaluación del aprendizaje interfiere con el proceso, analizando lo que los estudiantes pensaban sobre este proceso. Además, hice una entrevista con la profesora de Química, con el objetivo de analizar su punto de vista de su propia práctica de la evaluación, su importancia, y cómo ella ve a los estudiantes durante este proceso, e he hecho el análisis documental del plan de lección. El marco teórico se basó en el marco de evaluación que soporta el modo de entrenamiento, Scocuglia (2014), Ram (2012), Paro (2002, 2010), Moretto (2003, 2005), Hoffmann (1998), Luckesi (1984, 2005) y Freire (1987). Los principales resultados muestran que la evaluación todavía es vista como un gran desafío para los estudiantes y profesores, que constantemente se enfrentan con la dificultad de convertir en un proceso que no es sólo mecánico y sin sentido a la mejora del aprendizaje.

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

Palabras clave: Evaluación del Aprendizaje de la escuela; Los sujetos del aprendizaje; La enseñanza de química.

Referências

CARNEIRO, R. P. Reflexões acerca do processo ensino -aprendizagem na perspectiva freireana e biocêntrica, 2012. **Revista Thema**. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/145/86>> Acesso: 13 nov.2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré - escola à universidade. 14ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LUCKESI, C. C. **Avaliação educacional escolar**: para além do autoritarismo. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, n. 61, 1984.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 16. ed. São Paulo (SP): Cortez, 2005.

MORETTO, P. V. **Construtivismo a produção do conhecimento em aula**. DP&A Editora, RJ, 2003.

_____. **Prova um momento privilegiado de estudos e não um acerto de contas**. DP&A Editora, RJ, 2005.

PARO, H. V. A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.º3, p.763-778, set/dez.2010.

_____. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.º2, p.11-23, jul/dez.2002.

Brenda Perotti
Giselia Antunes Pereira
Paula Alves de Aguiar
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus São José

PELANDRÉ, L. N. Entrevista com Paulo Freire. **Revista EJA em debate**. Florianópolis-SC, volume 3, p.15. Publicado em 2014.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.

SCOCUGLIA, A. C. Paulo Freire e a pedagogia da pesquisa. **Revista EJA em debate**. Florianópolis-SC, volume 3, p. 37. Publicado em 2014.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

Recebido em: 25/08/2015
Aprovado em: 01/03/2016